

Com desdém, repórter não vê o crescimento

A jornalista Bryna Brenan, da agência americana Associated Press — que funciona no Edifício Gilberto Salomão —, escreveu uma matéria que sintetiza o tratamento desdenhoso dado pela imprensa internacional a Brasília.

“Esta cidade, construída no meio de um vazio planalto, não provocou o rápido crescimento do Brasil Central conforme entusiasmasdas promessas de seus fundadores.

O cerrado — uma vegetação do Brasil Central do tamanho da parte oeste americana — continua pobre e pouco povoado. O desenvolvimento de esforços está começando a alcançar o crescimento das cidades na seca planície, onde eletricidade e telefones são ainda novidade e estradas suas são virtualmente intransponíveis seis meses ao ano.

Quando Brasília “explodiu” dramaticamente, no mundo, em 1960, ela era uma corajosa experiência em desenho urbano e desenvolvimento econômico, prometendo não somente acordar a burocracia federal dos seus hábitos na antiga capital do Rio de Janeiro, mas, também, transportar outros brasileiros da superlotação da costa do Atlântico para o interior vazio.

A rápida construção da capital — uma cidade produzida em apenas três anos, com a extravagante e futurística arquitetura de Oscar Niemeyer — foi capturada na imaginação dos novos visitantes, como Dwight D. Eisenhower e o ministro da cultura da França, André Malraux, que chamou Brasília de a Capital da Esperança.

A burocracia federal está, agora, confortavelmente instalada na cidade poluída de largas avenidas e super-blocos desenhados em forma de avião, com precisão e regularidade de um circuito impresso.

Em suas fileiras de prédios de apartamentos estilísticos, Brasília lembra a alguns visitantes um quarto de subúrbio de uma grande cidade dos Estados Unidos. A capital se localiza no centro de uma região ainda dominada por fazendeiros descuidados, cujas grandes manadas de um gado zebu branco e corcunda são protegidas por vaqueiros magros e de pele curtida, que suprem a subsistência de suas famílias com pequenas roças de arroz, mandioca, banana e feijão.

Os moradores das cidades-satélites reclamam da construção de um parque em Brasília de 4 milhões de metros quadrados, possuindo uma piscina de 800 mil dólares que produz ondas oceânicas. O parque, que custou 18 milhões de dólares, beneficia quase exclusivamente aos residente de classe média da capital.”

JULIO FERNANDES



Na visão do estrangeiro, o Plano Piloto é apenas uma fachada nobre que esconde a pobreza ao redor

Ingleses não conhecem DF

Vera Ramos
Correspondente

Londres — Considerada a capital mais moderna do mundo, Brasília ainda continua desconhecida para a maioria dos ingleses que, a exemplo dos europeus, estão mais preocupados com o que está acontecendo no Hemisfério Norte, ou melhor, nos Estados Unidos, a grande potência do mundo ocidental. É raro você encontrar um londrino, ainda que com certo grau de escolaridade, que saiba dizer qual é a capital do Brasil. A obra de JK não integra o acervo de conhecimento de inglês médio, embora já esteja completando 31 anos de idade.

O futebol continua sendo o cartão de visita do País e, Pelé, seu principal mestre-sala. No entanto, é preciso reconhecer, que desde que a Inglaterra começou a liderar o movimento internacional contra a devastação das florestas tropicais, o Brasil voltou às primeiras páginas dos jornais, tornando-se tema das conversas de alguns setores da sociedade inglesa — ambientalistas e indigenistas — ambos imbuídos do espírito de que, sem uma permanente pressão internacional, as árvores da Amazônia estão condenadas à morte pelas serras elétricas dos madeireiros da região.

Desconhecimento — Afora o desconhecimento sobre o Brasil e sua moderna capital, Brasília, não é raro um inglês se surpreender ao conhecer um brasileiro branco, loiro e de olhos azuis. Por incrível que possa parecer, tem muita gente que pensa que a grande maioria dos brasileiros pertence à raça negra e, tem como idioma, a mesma língua falada na Argentina, o espanhol. A situação modifica-se quando se trata de pessoas acostumadas a fazer viagens internacionais. Nesse caso, sabem que no Brasil se fala português e que a população não é formada apenas de negros.

Com as denúncias publicadas pela imprensa inglesa, de que os brasileiros estão destruindo a floresta amazônica, o país do Carnaval também passou a ser conhecido como o vilão da humanidade, por não cuidar de um patrimônio que pertence a todos os países. Fortalecendo a péssima imagem que o Brasil passa para a maioria do público inglês, há os problemas envolvendo as comunidades indígenas e a morte de dezenas de crianças de rua que volta e meia são assuntos nos meios de comunicação daqui.

Utopia, privilégios e contrastes

a concebeu como abrigo de uma utopia social

O fundador imaginou que os imponentes edifícios desenhados pelos célebres arquitetos, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, abrigariam, por igual, ministros de Estado, operários, generais, servidores públicos, comerciantes, magistrados, bancários e artesãos.

Depois de três décadas, Brasília não se compara a qualquer outra cidade brasileira, uma vez que a distância que separa ricos e pobres foi aumentada por uma população quatro vezes superior à que foi planejada como ideal no ano 2000.

Oito cidades-satélites e numerosas favelas circundam a soberba arquitetura urbana, centro de decisões de uma nação de 150 milhões de habitantes e residência temporária de governantes, legisladores, diplomatas e burocratas.

Agora entra outro presidente, tão populista e sonhador como JK, prometendo devolver o equilíbrio social e combater os privilégios causados pelo uso e abuso de poder,

que fizeram de Brasília uma “Ilha da Fantasia”.

Fernando Collor de Mello, um empresário que há apenas um mês assumiu a presidência do Brasil com a promessa de uma drástica austeridade administrativa, era um reputado caçador de marajás.

Sua nova caçada começará por uma zona residencial de Brasília, batizada como Península dos Ministros, onde luxuosas mansões são habitadas por empresários estatais, ministros e privilegiados assessores dos cinco últimos governos militares.

Cristalinas piscinas, autênticos complexos com quadras desportivas, paradisíacos jardins e restaurantes ao ar livre. São, entre outros, os luxos que, às custas dos contribuintes, desfrutam os amigos do poder, instalados na exclusiva Península.

Em proporção a seus habitantes, esta zona é recorde em todo o País em número de veículos motorizados e piscinas e residências, mas o grosso cinzeiro de pobreza que a rodeia disputa com o miserável Nordeste do Brasil,

O americano só sabe do exótico

Cláudio Lessa
Correspondente

Washington — Nas estações de rádio, o comercial tem início com uma entrevista em que o empregador procura avaliar os conhecimentos da pessoa que está pedindo emprego. “Você sabe datilografia?” “E, sei, um pouco, mas não é o meu forte”, é a resposta. “Você sabe datilografia?” Novamente, a resposta é evasiva: “Tive algumas aulas no ginásio, mas não sei, não tenho muita prática...” O diálogo, sempre neste mesmo nível, é entrecortado pela voz do locutor, que defende maiores investimentos na educação. O comercial, de uma associação que faz lobby na área de educação, termina depois de uma série de perguntas certezas e respostas insatisfatórias, como as citadas, e o “empregador”, dizendo com a voz desanimada, que “OK, você pode começar amanhã, pois foi um dos melhores candidatos”.

Mais do que o problema da localização da capital, entretanto, é a presunção de que no Brasil o idioma falado é o espanhol. É ultracomum, numa conversa com alguém, se identificar como brasileiro e ouvir do interlocutor um invariável “lamento, mas eu não falo uma palavra de espanhol”.

Alienação — A alienação dos americanos, no setor, é sentida em todos os níveis: na escola, fica bastante clara a

distinção entre os estudantes estrangeiros (principalmente os orientais) quando se fala em cultura geral; nas estações de rádio e tevê, é só o texto conter uma palavra, expressão ou nome estrangeiro para o locutor engasgar; nos meios acadêmicos e profissionais, fica bem óbvia uma xenofobia baseada no desconhecimento de outras realidades. Como dizia um brasileiro, irritado com o modo estreito de pensar dos americanos, “se eles querem ser donos do quintal latino-americano, que pelo menos saibam dominar a língua e entendam os costumes do quintal, para reduzir os atritos”.

Este “emburramento” da população local está gerando consequências paralelas — toda vez que alguém desiste de aprender algo, deixar de criar oportunidades de progresso para si e para o meio em que vive. O nível de aprendizado dos jovens americanos é considerado, pelas próprias autoridades, abaixo da crítica, e o presidente George Bush, ferecendo bons rendimentos eleitorais em 1992, já substituiu o secretário da Educação e abriu uma campanha de investimento na educação do país, para que ele seja visto como o “presidente da educação” quando chegar a hora do voto.

Este “emburramento” da população local está gerando consequências paralelas — toda vez que alguém desiste de aprender algo, deixar de criar oportunidades de progresso para si e para o meio em que vive. O nível de aprendizado dos jovens americanos é considerado, pelas próprias autoridades, abaixo da crítica, e o presidente George Bush, ferecendo bons rendimentos eleitorais em 1992, já substituiu o secretário da Educação e abriu uma campanha de investimento na educação do país, para que ele seja visto como o “presidente da educação” quando chegar a hora do voto.

Este “emburramento” da população local está gerando consequências paralelas — toda vez que alguém desiste de aprender algo, deixar de criar oportunidades de progresso para si e para o meio em que vive. O nível de aprendizado dos jovens americanos é considerado, pelas próprias autoridades, abaixo da crítica, e o presidente George Bush, ferecendo bons rendimentos eleitorais em 1992, já substituiu o secretário da Educação e abriu uma campanha de investimento na educação do país, para que ele seja visto como o “presidente da educação” quando chegar a hora do voto.

Jorge Vasconcelos

Brasília já entrou no rol das cidades terceiro-mudistas conhecidas no exterior por suas dicotomias sociais, como miseráveis e abastados, banguelas e dentados, analfabetos e letrados. O noticiário internacional dispensa o fortalecimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, bem como superávits significativos, o achatamento dos níveis de inflação e a modernização da economia — passaportes de ingressos no fechado clube do primeiro mundo, segundo o Governo — e, põe à mostra todas as chagas sociais do País, sempre com alta dose de deboche e sensacionalismo.

Enquanto o Rio de Janeiro é mundialmente conhecido como berço da violência, disputando esse título com a cidade de Nova Iorque (EUA), e São Paulo leva a fama de um dos locais mais poluídos do planeta, com um formigueiro de automóveis e a fumaça incessante de Cubatão, Brasília aparece no cenário internacional como resultado de uma frustrada tentativa do então, presidente Juscelino Kubitschek, de instalar uma sociedade sem classe no coração do Brasil.

Os correspondentes estrangeiros credenciados aqui mandam matérias para seus periódicos — na Europa e em países norte-americanos — dando conta de que Brasília consiste em uma zona central — Plano Piloto — onde há palácios e luxuosos prédios de apartamentos, cercada por diversas favelas.

Japonês sabe um pouco mais

Josué Benitz

Ao contrário do que acontece com a grande maioria dos indivíduos que vivem nos países desenvolvidos, os japoneses têm acesso a várias informações sobre o Brasil e sua capital, Brasília. É claro que o seu conhecimento sobre o País não é lá grande coisa, mas pelo menos eles sabem que a Nação é pobre, possui uma grande extensão territorial, abriga a Amazônia, tem assaltos e que os brasileiros gostam de futebol e de sambar no Carnaval do Rio de Janeiro. Eles, também, têm conhecimento que a capital do País é Brasília, principalmente pela quantidade de filmes e vídeos que já foram mostrados sobre a arquitetura de linhas arroçadas da nova capital.

A razão para este pequeno “conhecimento” do Brasil é que desde as gerações do pós-guerra, eles ouvem falar que o Brasil foi o País que acolheu todos aqueles nipônicos que decidiram emigrar. E a oferta brasileira correu de boca em boca.

Os conceitos

■ Brasília foi chamada de capital da esperança. Hoje, é a capital do desespero, uma cidade de miserável pobreza e cintilante opulência.

■ Dizem que Brasília é vítima de seu próprio sucesso.

■ Brasília tem uma doença social similar às outras cidades brasileiras: superpopulação, favelas, invasões de terras, menores abandonados e engarrafamentos.

■ Embora tenha sido planejada para acomodar o poder que vem da máquina política e administrativa, a pobreza, atualmente, é a maioria.

■ Ludibriados pelas muitas promessas dos fundadores da cidade, os pobres nordestinos vêm em roupas maltrapilhas para escapar da seca e da fome. Quando chegam, vêem que isto não é terra prometida.

■ Ceilândia, uma das mais pobres cidades-satélites, não existia em 1970 e, agora, possui mais de 600 mil habitantes.

■ Brasília é a ilha da fantasia cercada pela miséria.

■ Não há ônibus o suficiente. As passagens são caras, e a corrida pode ser perigosa.

informativo

CREA-DF

OPINIÃO

CREA-DF/Fac-Tec-Unb-Fibra — O CREA-DF promoveu, no último dia 17, uma união entre a Faculdade de Tecnologia, o Departamento de Engenharia Civil, Elétrica, Mecânica e Florestal, o CDT — Centro de Desenvolvimento Tecnológico, organismos componentes da estrutura da UnB, juntamente com a Fibra — Federação das Indústrias do Distrito Federal, com o objetivo de estabelecer uma integração entre os setores da universidade e da indústria voltados para a área tecnológica.

A história recente do desenvolvimento das nações tem demonstrado a crescente importância da interação entre essas instituições visando a análise e estudos de projetos comuns que viabilizem, desde a realização de pesquisas de interesse mútuo à permanente troca de informações e apoio sobre temas como: utilização de laboratórios, estágios para estudantes, promoção de eventos técnicos, formação profissional, carências de mercado, oportunidades em nichos mercadológicos específicos, reciclagem de profissionais, além de um sem-número de outros assuntos que afetam diretamente o desempenho da universidade e do setor empresarial ligado à indústria.

As conclusões da reunião foram extremamente animadoras, descortinando uma profícua perspectiva de atuação conjunta entre as partes através do estabelecimento de convênios para o desenvolvimento de temas de interesse da Faculdade de Tecnologia e respectivos departamentos com a Fibra.

Resalte-se que para dar continuidade a essas discussões ficou marcada uma nova reunião no prazo de três semanas, e um seminário no mês de junho para aprofundar as formas de interação. O Distrito Federal será o principal beneficiário dos entendimentos resultantes dessa aproximação (Henrique Luduvicé — Presidente).

INFORMES

Palestras sobre Mecânica de Solos — O Departamento de Engenharia Civil da UnB e a Associação Brasileira de Mecânica dos Solos - DF convidam a comunidade técnica para as palestras “Ensaaios Especiais de Laboratório e Geotecnia com o prof. Alberto Sayão no auditório da Engenharia Civil amanhã às 16h e “Uso de Reservatórios Hidráulicos por Barragem subterrânea e seu uso conjunto com Reservatório Especial, pelo Prof. Walter Ferreira Graça Martins, no mesmo auditório, no dia 24 às 15h.

Informática — O Sinduscon-DF está promovendo com apoio da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário do DF e da Associação Brasileira de Construtores, um seminário sobre o papel da Informática no Gerenciamento da Empresa de Construção e Incorporação Imobiliária, enfocando os temas — Perspectivas do setor imobiliário; Informatização e lucratividade e, Exposição de softwares aplicativos. O seminário se realizará nos dias 25 e 26 próximos no auditório do Senai-DF no SIA, Trecho 2, lote 1.130. Informações pelo telefone 223-9000. A proposta do seminário é propiciar aos empresários do setor que operam ou desejam operar na produção imobiliária e aos técnicos que trabalham nesta atividade em particular, uma visão sobre os três temas en-

focados e a partir daí, contarem com uma referência para análise do contexto em que operam.

Normatech 91 — No período de 20 a 24 de maio próximo será realizada em São Paulo, a Conferência Nacional de Normalização, Marca de Conformidade, Ensaios e Desenvolvimento de Recursos. Coordenada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas — ABNT, a Normatech 91 visa estimular as empresas na busca da qualidade. O evento será dividido em três partes: tecnologia, qualidade e gestão. A pauta de assuntos inclui temas como a normalização brasileira e a internacionalização econômica e o ciclo da garantia de qualidade. Informações na Delegação da ABNT de São Paulo pelo telefone (011) 549-8066 ou telex (011)32165.

Brasília, 31 anos — Ontem Brasília comemorou seu 31º aniversário em plena maturidade, consolidada e na plenitude de todos os seus direitos, com governo eleito pelo povo e uma Câmara Legislativa em pleno funcionamento, pronta para votar o projeto que irá definir o Plano Diretor do Distrito Federal. Na realidade, este deveria ter sido o presente dos deputados distritais para a cidade, a entrega da sua Lei Orgânica mas como não foi possível, esperemos que o resultado final corresponda aos anseios da comunidade